

Relato de Experiência: Autonomia e Combinados Vistos na Prática¹

Hellen Ferreira²

Resumo:

A situação aqui relatada foi presenciada em um escola pública do Distrito Federal em 2014. Nela observamos em um dia de atividades comuns a repercussão prática de dispositivos inovadores já conhecidos como assembleia, combinados e “não gostei”. Notamos como modificam a relação entre as crianças e a sua forma de atuar. Vemos também algumas dificuldades enfrentadas pela professora por ser inovadora, mas especialmente o impacto de sua prática.

Palavras chave: educação inovadora. Relato de experiência. Autonomia e combinados.

O Relato

Visitei a sala da Professora Janaína³ no dia 23 de setembro de 2014. A sala é de quarto ano e tem 22 crianças. Todas são moradoras de São Sebastião, periferia de Brasília. Ao entrar na sala as crianças sorriram, acenaram e me cumprimentaram, pois já me conheciam . Me sentei entre elas, em uma cadeira ao fundo, no extremo oposto à professora.

No planejamento escrito no quadro estavam: conversa sobre o saral; explicar horários de jogos; organizar armário; treino; para casa. Escrever esse planejamento foi a primeira atitude da professora após cumprimentar as crianças.

A professora começou explicando que o saral era uma proposta da direção para a escola e que ela, junto com as professoras de duas outras salas haviam se interessado. Explicou o que era um saral e perguntou se a turma gostaria de participar. Para isso falou com as duas outras professoras e as três turmas foram para a quadra combinar o saral.

De início observamos a diferença de comportamento da turma que estávamos observando para as outras. Eram crianças muito mais agitadas e soltas, até mesmo mais barulhentas, mas quando a Professora Janaína levantou a mão para pedir a fala muito rápido as crianças se calaram e também levantaram a mão reiterando o desejo da professora.

Esta é uma ação previamente combinada em assembleia, para que todos tenham direitos iguais a fala e ninguém tenha que gritar pedindo-a. Para tanto quem quer falar levanta

¹ Trabalho apresentado no III Simpósio Internacional de Inovação em Educação 2015

² Graduada em Pedagogia na UnB – Universidade de Brasília. Contato: hellinha@gmail.com

³ Para proteger suas identidades os nomes utilizados são fictícios.

a mão, quem viu a pessoa de mão levantada se cala e também levanta a mão, assim em breve a maioria estará atenta a quem iniciou.

A assembleia é um espaço de discussão sobre todo o funcionamento da escola. É neste espaço, onde também são decididos de maneira democrática entre as crianças, “os direitos e deveres” que consideram fundamentais para o funcionamento da escola. Os direitos e deveres também são uma forma de orientar a convivência coletiva, onde os educandos constroem coletivamente as responsabilidades que assumem individualmente e também as de grupo. Isto gera uma conscientização por parte das crianças a respeito dos direitos que possuem e também dos deveres que devem ser cumpridos. Nela tanto o voto da professora como o dos alunos tem o mesmo peso. Infelizmente, a assembleia é realizada apenas nessa sala e não na escola inteira. (RAMOS, 2015, p.41)

Janaína explicou rapidamente o que seria o saral e pediu sugestões. Observamos que a turma que estava sendo observada prontamente sugeriu diversas coisas, articulou seus porquês, defendeu pontos de opinião e etc. As outras classes apesar de serem estimuladas com frases como “ok! Agora vamos ouvir as crianças do 4ºD. O que vocês acham que seria legal no saral?” sugeriram menos aparentando medo e vergonha.

No fim foi decidido que as crianças criariam Rap’s para apresentar sua visão do ambiente que as rodeia. Elas voltaram para a sala muito animadas e dialogaram um pouco mais em grupo sobre o saral. A professora explicou como seriam os jogos da semana da criança e apresentou a tabela de jogos, esses seriam queimada e futsal e todos que tivessem interesse jogariam de acordo com os times combinados na aula anterior. A professora precisou corrigir na direção um erro detectado pelas crianças na programação e disse “vou lá mostrar isso do jogo, mas volto logo, enquanto isso escolham um nome para o time da turma e um grito de guerra”.

Sinceramente, quando notei a tranquilidade com que a professora saiu me assustei e fiquei com medo do que poderia vir a seguir. Para minha surpresa a “anarquia” que esperava não veio. As conversas continuaram da mesma forma como estavam antes.

Duas meninas que estavam sentadas mais à frente no semicírculo se levantaram e perguntaram “como vocês querem fazer isso?”, alguém sugeriu ir coletando sugestões e depois uma votação no nome preferido. Uma criança foi para o quadro e se preparou para anotar as sugestões. Tudo ia muito bem e corria de maneira relativamente harmônica até que o grupo de meninos sentados no canto da sala começou a fazer cada vez mais barulho, alguns se sentaram de costas para as meninas que falavam e continuaram brincando em seus celulares.

Um dos meninos sentados mais próximos a mim chamou a atenção de um deles e disse “ei Carlos?! Não gostei”, Carlos ao ouvir isso riu e deu de ombros. A cena se repetiu mais vezes com algumas variações. No fim, Eduardo já estava bem exaltado e gritava, chegou a ofende-lo.

Depois de algum tempo descobri que esse “*não gostei*” era também algo combinado em assembleia, que para ALMEIDA (2014) pode ser

“caracterizado como forma de indicar limites, o dispositivo é utilizado para promover formas aceitas de atuação entre as crianças, legitimando o que pode ou não ser feito. Ao mesmo tempo em que impede atitudes agressivas, o dispositivo também incita e valoriza a exposição das insatisfações a partir da fala, evitando também comportamentos submissos.” (p.106)

As meninas, Luana e Camila, que continuavam à frente da sala se dirigiram, inicialmente com calma, até os meninos e iniciando as frases sempre no seguinte modelo: “*nome, não gostei*” mas não parecia surtir muito efeito. Enquanto isso, com a medida em que o atrito aumentava entre o grupo que estava na frente e o grupo do fundo o volume também foi aumentando, assim, algumas crianças começaram a buscar a professora na direção informando que os meninos não estavam permitindo que a votação acontecesse e estavam desrespeitando o “*não gostei*”.

Camila veio para o fundo da sala chamou Rafael e falou com ele tudo que a estava incomodando em seu comportamento, que se sentia desrespeitada por não ter sido ouvida, que aquilo era importante e eles perderam todo o tempo da votação brigando com os meninos bagunceiros. Perguntou se ele não queria jogar e se não se lembrava que o time também era dele. A professora entrou em sala, cercada por aqueles que a foram buscar, enquanto Camila terminava seu desabafo.

A professora começou contando que soube que um grupo não permitiu que a votação ocorresse e atrapalhou a todos desrespeitando nossos combinados. “A primeira coisa que ia perguntar a vocês foi o que vi ao entrar, alguém falou para eles que estavam atrapalhando? Mas eu vi que sim. Agora, quem pode me contar o que aconteceu?” Muitos começaram a falar juntos até que a professora fez um sinal pedindo a fala. Antes de escolher quemalaria primeiro a professora ressaltou “eu não quero buscar um culpado. Eu quero entender o que aconteceu, porque essa sala não é só minha é nossa. De todos nós. Então, todos nós precisamos entender o que aconteceu para melhorarmos juntos”.

Aqueles que queriam contar levantaram as mãos. Uma criança foi escolhida e ouvida por todos, em alguns momentos era interrompida por alguém que dizia não ter sido daquela forma. A professora agradeceu e disse que antes de continuar debatendo sobre o que aconteceu queria saber se era realmente verdade o fato de Carlos ter ignorado o não gostei de Eduardo.

Carlos e Eduardo falaram, cada um em sua vez, contando o que aconteceu mediados pela professora, mas antes que a conversa se desenvolvesse mais o sinal tocou e as crianças ficaram ansiosas para buscarem o lanche⁴. Janaína deixou claro que aquele assunto era muito importante para passar em branco, que não iríamos para o recreio sem esclarecer aquilo.

Muitas crianças decidiram não sair da sala porque não desejavam lanchar. Os meninos envolvidos no incidente somente pegaram uma fatia de abacaxi então logo retornaram. A professora chamou-os na porta da sala e pediu para que eles se sentassem no banco⁵, logo ao lado, e se sentou no chão na frente deles.

Começou de maneira calma e com a voz ponderada pedindo uma explicação do que havia acontecido porque muitos vieram reclamar do comportamento e desrespeito deles. Especialmente diante do “*não gostei*”.

Entre as justificativas estava: não tínhamos nada para fazer, por isso ficamos conversando. A professora interpelou “como não tinham nada para fazer? O que eu pedi?”, um deles respondeu a pergunta e a professora completou “e vocês tinham pouco tempo para fazer isso”.

Mas ninguém perguntou o que queríamos, ou qual era a nossa opinião. Respondeu um dos meninos. E tinha que perguntar? Pelo que entendi estavam pedindo silêncio exatamente para saberem isso. Disse a professora. Mas eu não queria participar, tanto faz o que eles decidissem. Disse Eduardo. Iniciou a professora: então vocês se abstiveram? Vocês lembram o que significa quando você se abstém? Quer dizer que você não se importa com o resultado, que tanto faz o que for decidido, que qualquer que seja a decisão vocês irão concordar. Mas vocês também estão jogando no time. Se eles escolhesse o nome “borboletas rosas purpurinadas”? – os meninos sorriram – vocês estão rindo agora, mas se esse fosse o nome escolhido vocês gostariam? – eles responderam quase em uníssono não – porque então se

⁴ O sinal para o lanche toca 10 minutos antes do referente ao intervalo. Naquele as crianças devem sair da sala e se dirigirem à cantina para buscar os lanches e comerem em sala.

⁵ Palco utilizado para apresentações servindo naquele momento como banco.

abstiveram? - porque votar é chato, queríamos conversar – Ok! Mas conversar não é o problema, não vieram correndo me buscar porque tinha gente conversando, mas sim porque vocês estavam ignorando o *não gostei* e os pedidos de falar baixo. Os meninos concordaram e a professora encerrou dizendo vamos para a sala que quero revisar uma coisa com todos vocês.

A professora voltou para a sala – as crianças estavam bem agitadas – e ela começou pedindo atenção e lançando a seguinte pergunta: “O que precisa acontecer para você respeitar alguém? Vamos lá quando utilizamos o *não gostei*?”. As crianças, junto com a professora lembraram que ele era para os momentos em que ‘nos sentimos desrespeitados por alguma coisa que alguém está fazendo ou queremos que a pessoa pare de fazer isso’.

“Mas só dizer não gostei não adianta. Já imaginou Mariana? Se eu chego para você digo não gostei e viro as costas? Você vai pensar que eu enlouqueci, né? Tem que falar o não gostei e explicar do que não gostou!”. A professora repetiu o exemplo deixando claro que depois de alguém nos dizer que não gostou de alguma coisa temos que perguntar ‘do que não gostou?’. Várias situações diferentes foram exploradas em exemplos, caso a pessoa estivesse realmente fazendo algo errado, caso não estivesse, a situação do nome do time foi questionada aos que estavam mais incomodados como deveriam ter feito e o mesmo foi explorado com aqueles que incomodaram.

O outro sinal tocou e as crianças ficaram ansiosas para sair, a professora os segurou por um tempo, mas notando que estavam muito agitados permitiu que saíssem. Pediu para que eu a esperasse em sala enquanto ela ia resolver uma rápida questão com a professora da sala ao lado. Enquanto a esperava duas meninas entraram e perguntaram para outras duas que estavam conversando sentadas em suas mesas: queremos ensaiar aqui a nossa música, vai incomodar? A resposta foi um não tranquilo e pouco tempo depois decidiram ensaiar todas juntas. Quando a professora entrou e sentou ao meu lado a pergunta foi repetida. Conversei com a professora até o fim do recreio.

O recreio terminou e as crianças retornaram. Seguindo o planejamento a professora indicou a próxima atividade: organização do armário. Explicou que o armário que ficava no pátio estava cheio de brinquedos para uso coletivo, mas estava desorganizado. E que ela acreditava que “nós somos capazes de arrumar ele e fazer com que ele funcione em uma dinâmica em que todos possam brincar”. As crianças começaram a falar juntas e a professora

pediu para concluir sua explicação e esclareceu que para a organização do armário haveriam três grupos.

Antes da divisão entre grupos, perguntou quem gostaria de ficar na semana seguinte como monitor responsável por entregar os brinquedos para as outras crianças de maneira organizada. Algumas crianças se inscreveram e ganharam a vaga. Após isso a professora explicou que a próxima atividade seria dividida em grupos e as crianças poderiam se organizar por eles da maneira que achassem melhor.

Os grupos eram divididos de acordo com as suas atribuições. O primeiro ficaria fora da sala e iria retirar tudo que estava no armário, limpar e organizar de uma forma que fosse fácil de tirar e recolocar os brinquedos. O segundo ficaria dentro da sala reorganizando os brinquedos de sucata que haviam sido confeccionados pelas crianças e posteriormente arrumando o armário de brinquedos da sala. O terceiro enfeitaria com tinta as caixas onde seriam organizados os brinquedos menores, também em sala.

A professora pediu para que eu ficasse na sala, pois o maior grupo estaria fora e assim foi feito. Quando percebi as crianças do terceiro grupo já tinham juntado mesas, buscado as tintas e os pincéis, encontrado um dos rolinhos que estava perdido e um menino já estava esvaziando uma garrafa pet cortada ao meio que seria utilizada com água para limpar os pincéis. Fiquei impressionada com sua autonomia e independência.

Pensei em auxiliar o outro grupo que deveria desembolar o barbante dos brinquedos de sucata, pois haviam vários nós neles mas eu não só era desnecessária no processo como estava atrapalhando. Me distanciei e notei que este grupo era composto apenas por meninos e exatamente aqueles considerados os mais bagunceiros.

Pude observar novamente o “*não gostei*” mas dessa vez funcionando. Enquanto substituíam o barbante eles conversavam e a medida que o bolo de linha ia mais para um lado ou para o outro eles se falavam e este voltava para o meio. E conversando sobre um jogo novo foram fazendo aquilo ao que se comprometeram de maneira extremamente tranquila e pacífica, a um volume razoável de conversa. Sem que nenhum adulto precisasse falar nada ou intervir eles cumpriram a sua tarefa com responsabilidade e compromisso, guardando os brinquedos de uma forma que embolassem novamente.

Enquanto isso as crianças que estavam pintando as caixas haviam decidido que cada um pintaria um lado da cor que desejasse e depois eles escreveriam com cola colorida na

caixa por cima da tinta. Houveram alguns atritos relacionados à cor e melhor maneira de pintar, mas todos foram solucionados entre eles, onde algumas vezes uma terceira criança que não estava envolvida na contenda fazia o papel de mediadora.

Quando os meninos terminaram a sua tarefa e foram entregar a caixa organizada para o grupo que trabalhava do lado de fora da sala encontraram mais uma caixa que também teria de ser pintada e decidiram fazê-lo. Negociaram com o outro grupo quais pincéis poderiam ser usados, buscaram um pote com água para limpar os pincéis e decidiram, ao contrário do outro grupo, pintarem todos juntos a mesma face ao mesmo tempo. Perguntei o porque dessa decisão e eles disseram que “não tem lados para todo mundo e assim é mais legal”.

Conforme as crianças iam terminando suas tarefas ofereciam auxílio para os outros. E assim, sem a necessidade de nenhum tipo de ordem ou direcionamento dos adultos após a explicação inicial os armários foram organizados e as caixas pintadas.

Tudo terminado, a professora lembrou que o “para casa” era trazer para sala um RAP de sua preferência. Nos encaminhamos para a quadra onde se deu o treino de futsal até o ônibus escolar chegar.

Conclusões

Foi emocionante ver não somente a autonomia, mas os combinados e o companheirismo presente naquelas crianças que são muito mais independentes do que a média, pela simples razão de terem a oportunidade de se mostrarem confiáveis. Foi belo ver a responsabilidade e empenho de cada um. Mas especialmente a comunicação não somente acontecendo, mas por meio de verdadeiros diálogos respeitosos e atentos. Havia um profundo olhar em relação ao colega e o interesse dele.

Acredito que a experiência acima descrita foi uma das mais belas por mim já presenciadas na educação. Não foi apenas algo inovador. Foi a culminância na prática de um dispositivo pedagógico. Mas muito além de um caráter educacional ou escolar observamos naqueles momentos o aprendizado de coisas que normalmente a escola não ensina, mas finge ensinar, por exemplo respeito e cidadania.

Afinal, como pretendo ensinar respeito aos meus alunos gritando com eles? Ou seja, não os respeitando? Parece um pouco sem sentido, certo? Então porque continuamos insistindo nisso? Porque a nossa escola mantém o modelo mecanizante em seu ensino? Porque ainda não aceitamos que as crianças conversam sim porque isso é natural e saudável e que para aprenderem a fazer isso em uma altura que não incomode as outras salas precisam de fato terem a oportunidade de treinar isso?

Além desses questionamentos gostaria de deixar mais um para você leitor. Ao conversar com Janaína no recreio ela me contou como especialmente aquele dia havia sido difícil. Houvera uma reunião com todos os professores da escola durante a manhã e ela havia se sentido novamente desacreditada, pois as outras professoras não quiseram fazer o saral caso ele fosse coordenado pelas crianças, assim como não queriam se envolver nos jogos da semana da criança ou na organização do armário coletivo. Janaína me descreveu como se sentia cansada de enfrentar isso diariamente, de ser olhada como a diferente, aquela que ainda tem esperança e como as vezes pensava em desistir por não ser tão desestimulada pelos próprios colegas. “Se nós não acreditarmos nessas crianças quem vai? Mas mesmo assim, ao ver as crianças sendo ouvidas umas pelas outras, menos violentas, aprendendo a dialogar ao invés de apenas falar sinto que tudo vale a pena”.

Será que não estamos desacreditando os nossos melhores professores? Aqueles que são nossos colegas e pares? Quantas vezes não passamos por situações como a descrita acima? Diante disso, como estamos acolhendo aqueles “sonhadores”? Os que acreditam na inovação e na possibilidade de se fazer diferente?

Referencias Bibliográficas

ALMEIDA, Gabriela Freitas de. Para onde caminham as escolas? 2014. xv, 130 f., il. Dissertação (Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Acessado em 20 de set de 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/16395>>.

LIMA, Lauro de Oliveira. Para que servem as escolas? – Petrópolis, RJ: Vozes, 1921.

MEDEIROS, Rosana Carneiro Ferreira. Para uma ecologia (mais) humana do professor readaptado. 2010. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Acessado em 25 de set de 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/6197>>

PEREIRA, Marcelo Ricardo. Os Profissionais do Impossível. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 485-499, abr./jun. 2013. Acessado em: 22 de set de 2015. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n2/v38n2a08.pdf>>

RAMOS, Amanda Rodrigues. O processo de construção da autonomia em ambientes educativos: a proposta inovadora da Escola da Ponte. 2015. 51f. Monografia (Licenciatura Plena em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.